

V

Condições da Revolução

TRAÇAMOS ATÉ AGORA UM AMPLO QUADRO DAS TRANSFORMAÇÕES por que vem passando a Igreja nestes últimos anos. Nossa preocupação fundamental é com as transformações políticas, mas tivemos também que nos referir a transformações no campo da teologia, da moral, da liturgia, porque todos esses aspectos estão intimamente inter-relacionados. Estamos mais preocupados com a transformação política da Igreja na América Latina, já que nos demais continentes a transformação política foi de menor importância, mas nos vimos obrigados a falar longamente de fenômenos que vêm ocorrendo em um plano universal, porque só assim as mudanças que aqui se realizam ganham sentido.

Vamos agora nos restringir à América Latina, onde a Igreja Católica vem se desvinculando de maneira particularmente rápida de seus compromissos com os grupos dominantes. E, dentro desse âmbito, cabe perguntar: quais são as causas dessa transformação?

Em grande parte esta pergunta já está direta ou indiretamente respondida em toda a análise anterior. A importância do problema é tão grande, porém, que merece uma discussão mais aprofundada. O estudo das causas dos fenômenos sociais não é apenas importante enquanto tornam o fenômeno mais compreensível. Quando observamos a existência de mudança social e política, a identificação das causas para essa mudança, constituídas pela superveniência de acontecimentos histórica-

mente identificáveis, dá à mudança um significado muito maior. Foi partindo dessa premissa que, quando analisamos a revolução estudantil, nos preocupamos em identificar os fatos novos que tornavam essa revolução um acontecimento político e social fundamental dentro do mundo moderno. E' com o mesmo pressuposto que procuraremos verificar se houve fatos novos que causaram a transformação da Igreja.

Em primeiro lugar, é preciso observar que a revolução estudantil e o processo de transformação da Igreja — que a faz um instrumento de mudança social e política, senão revolucionária (a não ser em seus setores mais radicais), pelo menos decisivamente reformista e contrária ao sistema capitalista vigente na América Latina — são fenômenos inter-relacionados. Muitos dos grupos estudantis mais radicais são constituídos de católicos. Não obstante o caráter freqüentemente fechado, antiquado e mesmo retrógrado da maioria dos seminários católicos na América Latina, que só recentemente começaram a se atualizar e abrir, os padres jovens pertencem à mesma geração dos estudantes que hoje ameaçam a ordem estabelecida em todo mundo.

Esses fatores, porém, explicam de forma periférica as transformações da Igreja. Embora relacionados não pretendemos afirmar que as causas da revolta estudantil e das transformações na Igreja sejam as mesmas.

Não tem também sentido dar excessiva importância ao Concílio, ou à renovação teológica, ou à nova liturgia, ou às novas encíclicas sociais, ou ao movimento dos padres operários, ou à tentativa de reintegrar os leigos na Igreja como seus membros ativos. Todos esses problemas, que já examinamos em suas linhas mais gerais, são importantes para a compreensão do papel da Igreja no plano político. Não podem, porém, ser entendidos como causas da revolução política por que vem passando a Igreja na América Latina. Na verdade, essas transformações e as

de natureza política fazem parte de um mesmo fenômeno. E, naturalmente, reforçam-se mutuamente. E', por exemplo, muito mais fácil para um católico adotar posições políticas revolucionárias quando tem em sua retaguarda uma concepção do mundo como a de Teilhard de Chardin ao invés da tomista, ou o Concílio Vaticano II ao invés do Vaticano I. Mas nem Teilhard de Chardin nem o Concílio conduzem necessariamente a posições políticas radicais. E ambos esses fenômenos assim como todas as demais transformações por que vem passando a Igreja no mundo contemporâneo, demandam uma explicação.

Não nos parece também legítimo atribuir essas transformações políticas ao espírito revolucionário de justiça, de pobreza e de vida comunitária do cristianismo dos primeiros séculos. Existem sem dúvida no cristianismo, quando interpretado ao pé da letra, muitos aspectos revolucionários. E' realmente difícil reconciliar a caridade, o amor ao próximo, com a estrutura de propriedade e o sistema de privilégio imperante nos países latino-americanos. A rebelião e o sacrifício pessoal de Camilo Torres foram feitos exatamente em nome dessa visão do cristianismo. Os Evangelhos possuem muitas facetas. Interpretados sob um ponto de vista, podem ser vistos como um apelo à paciência, ao conformismo, à resignação. Vistos sob um outro ângulo, porém, podem ser interpretados como uma mensagem de amor, justiça e vida comunitária, a qual, quando posta em confronto com uma dada realidade social e política, pode transformar-se para muitos em uma mensagem revolucionária.

Esta, aliás, é a posição de Nicolás Berdiaev, o filósofo ortodoxo russo que, depois de uma fase marxista, havendo inclusive participado da Revolução Comunista de 1917, converteu-se ao cristianismo e acabou sendo exilado. Ao mesmo tempo, porém, que conservava sua fé cristã, mantinha sua posição politicamente radical, co-

locando suas esperanças na revolução, cujo modelo, em última análise, era a revolução russa, apesar de seus desvios, que ele criticou duramente. Conservando sua fé no socialismo e na revolução, Berdiaev encontrou uma base para a ação revolucionária no cristianismo. Embora vivesse em uma época em que as igrejas cristãs — católica, protestante ou ortodoxa — estavam ainda profundamente comprometidas com a defesa do *status quo*, afirmava que o cristianismo é sempre revolucionário, na medida em que visa a uma transformação e renovação do homem e da sociedade.

Essa mesma posição, identificando o cristianismo com a revolução, é adotada por um protestante, Richard Shaull, que depois de analisar o comprometimento histórico do Cristianismo com a ordem estabelecida, afirma:

«Na medida em que formos capazes de ver a nossa história à luz da história bíblica, poderemos até nos sentir em casa em meio à Revolução ... numa perspectiva cristã, o processo revolucionário é uma realidade que não admite ser ignorada.»⁶¹

Para justificar sua posição, cita uma série de razões, entre as quais o caráter revolucionário do messianismo bíblico e o caráter histórico-dinâmico da ação de Deus, na forma em que ela é apresentada na Bíblia.

Ora, não há dúvida de que é possível realizar essa identificação do cristianismo com a revolução. Revoluções buscam antes de mais nada a justiça, e a justiça é uma preocupação central do cristianismo. Além disso, em suas origens o cristianismo foi, sem dúvida, revolucionário. Entretanto, depois disso e durante tantos séculos, o cristianismo identificou-se com a ordem estabelecida e sacralizou-a; não teria sentido, agora, pretendermos explicar as transformações profundas por que vem passando a Igreja Católica com base no pretendido caráter intrinsecamente revolucionário de cristianismo.

Esta seria uma posição a-histórica, que não se coadunaria com a metodologia de análise que estamos pro-

⁶¹ SHAULL, Richard, *As Transformações Profundas à Luz de uma Teologia Evangélica*, Petrópolis, Vozes, 1966, pp. 27-28.

curando adotar neste trabalho. Ao invés disso, e da mesma forma que fizemos com o caráter idealista e descomprometido da juventude, quando analisamos as causas da revolução estudantil, preferimos considerar a preocupação com a justiça e com o amor do cristianismo como uma causa permanente, como uma condição necessária e básica, mas não suficiente, das transformações por que vem passando a Igreja. Para as causas profundas, históricas dessa transformação, deveremos ir buscar, também como fizemos no caso da revolução estudantil, os fatos novos historicamente significativos que possam ter causado essas transformações. Esses fatos novos são a deserção das elites da Igreja, com o conseqüente fim da Cristandade, e, no caso particular da América Latina, o recrudescimento da concorrência do protestantismo e das religiões mediúnicas.